

Redes sociais: arquitetura, algoritmos, protocolos, políticas, vieses e suas consequências

Textos selecionados:

Nahon, Karine. 2016. *Where there is Social Media, there is Politics*. In Bruns A., Skogerbo E., Christensen C., Larsson O.A. and Enli G.S., eds. *Routledge Companion to Social Media and Politics*. New York: Routledge: 39-55. http://ekarine.org/wp-admin/pub/Nahon_PoliticsSM.pdf

van Dijck, José. 2013. *Facebook and the Engineering of Connectivity: A Multi-Layered Approach to Social Media Platforms*. *Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies* 19(2): 141 - 155.

<http://con.sagepub.com/content/early/2012/09/17/1354856512457548>

Milan, Stefania. 2015. *When Algorithms Shape Collective Action: Social Media and the Dynamics of Cloud Protesting*. *Social Media & Society*, 1(2). <http://sms.sagepub.com/content/1/2/2056305115622481.full>

Where there is Social Media there is Politics (2016)

Karine Nahon

Cientista da informação israelense na área de informação, tecnologia e sociedade. Ela ocupa uma dupla posição como professora associada na Escola de Informação da Universidade de Washington e no Centro Interdisciplinar de Herzliya.

Principais ideias da autora:

- Onde há mídia social, há política.
- A neutralidade é a exceção, e não a regra.
- Eleições em Israel, 2015: a direita, vencedora, era muito mais ativa nas redes, mas os partidos e simpatizantes da esquerda (ou centro-esquerda) não conseguiram dimensionar isto a partir das suas bolhas.

A ideia de que as “coisas técnicas” têm qualidades políticas é provocativa e controversa.

- O “empoderamento” dos usuários – que agora contam com ferramentas que facilitam a produção e o compartilhamento de conteúdo – também trouxe a ilusão de que as redes são

neutras, igualitárias e democráticas. → Os elementos básicos das mídias sociais – ARQUITETURA e DINÂMICAS – são políticos, não neutros e não democráticos.

- São três as formas de manifestação do poder nas redes sociais:

1. Capacidade de influenciar as decisões de outros atores sociais;
2. Configuração e controle da agenda política – o que entra e o que sai da esfera pública;
3. Ações e inações destinadas a moldar e influenciar as percepções, cognições e preferências das pessoas.

- A autora propõe uma classificação de como a política se manifesta nas redes sociais, indo além do algoritmo: são as políticas de arquitetura e as políticas de dinâmica.

Políticas de ARQUITETURA (centradas na tecnologia)	*Plataformas
	*Estrutura das redes
↕	
Políticas de DINÂMICA (centradas no conteúdo)	*Estrutura das redes
	*Fluxo de informações
	*Fluxo de curadoria

Políticas de ARQUITETURA – características:

- Baseada no código escrito pelos desenvolvedores – as linhas de código formam o algoritmo.
- É um ato consciente, voluntarioso e não-neutro de diversas partes interessadas (designers, desenvolvedores, usuários).
- Arquitetura de mídias sociais é um ato consciente de exercício de poder. (Um exemplo de luta de poder entre usuários e plataforma são as proibições das fotos de seios femininos no Facebook).
- A autora cita as 6 dimensões da política do algoritmo do Gillespie:
 1. As escolhas que arquitetam os algoritmos – o que é incluído e o que é excluído.
 2. A coleta de informações não necessárias para o algoritmo operar.
 3. O nível e obscuridade do que é relevante.
 4. A maneira como o caráter técnico é mostrado como garantia de imparcialidade.
 5. A apropriação da tecnologia para fins de disputa política.
 6. Como a apresentação algorítmica molda o senso de si mesmo e do outro.
 - Exemplo: vídeo retrospectiva do Facebook: nem sempre os fatos lembrados são lembranças agradáveis. A autora refere-se a isso como “crueldade algorítmica inadvertida”.

A tentativa de se apropriar de uma tecnologia e usá-la para os seus propósitos é uma atitude política.

- Exemplo: Rebeca Lerer, ativista, cria linhas de fuga a partir das normas da plataforma e vai adaptando-se às mudanças. (Ainda assim, a plataforma é sempre aquela eu dita as regras).

Estrutura de redes – é uma dimensão intermediária, que está tanto dentro das políticas de arquitetura quanto das políticas das dinâmicas.

- Estrutura de redes enquanto política de ARQUITETURA:

Backbone - base física para a operação de mídia social e refere-se aos principais roteadores que conectam grandes redes, incluindo pontos de acesso de rede que controlam o tráfego entre países.

“No Brasil, até o começo da década de 90, as telecomunicações eram um monopólio estatal, e todos os cabos que vemos no diagrama da Embratel pertenciam ao governo. Todavia, com a privatização a empresa que arrematou a Embratel levou também toda a nossa conectividade com as redes mundiais. Como podemos ver, são 4 os cabos que saem do Brasil e nos conectam às redes dos países vizinhos, e todos eles pertencem à Embratel. E quem é o dono da Embratel? Bom, acho que isso não é segredo pra ninguém, uma vez que é uma empresa com capital aberto em bolsa, mas o fato é que o dono da Embratel é um dos homens mais ricos do mundo, o mexicano Carlos Slim. Talvez seja um exagero dizer que o mexicano é dono da Internet brasileira, mas não é um exagero dizer que ele é o dono de nossa ligação com o mundo. Sem a Embratel temos como conversar com nossas redes internas, mas não com as outras redes do mundo”.

<https://eduardosan.wordpress.com/2010/07/13/quem-e-o-dono-da-internet/>

- Estrutura de redes enquanto política de DINÂMICAS:

Hashtag – exemplo de estrutura de rede mais efêmera. Funciona como um classificador que permite que outras pessoas sigam conversas ou tópicos específicos. Ele evolui à medida que a informação flui e se dissolve à medida que esse fluxo se desvanece.

Políticas da DINÂMICA – características:

- Formas de poder que operam à medida que as interações entre os atores sociais evoluem.
- São reveladas através da informação que flui ou é curada nas mídias sociais.

Política de fluxos de informação:

- Nem todo fluxo de informações distorcido é resultado de uma intervenção política, mas aqueles que o são, precisam levar em conta dois aspectos:

1. Mediadores: os *gatekeepers* escolhem quais informações podem ou não passar, conectam redes ou clusters entre si e regulam o movimento das informações à medida que elas fluem. O verdadeiro controle dos fluxos de informação ainda está nas mãos de um pequeno número de mediadores. Ex.: Google.

2. Efeitos de agrupamento: a estrutura das redes desempenha um papel importante em como e em que medida a informação se espalha. Uma das consequências mais visíveis deste fenômeno é a polarização.

Política de fluxos curados:

- Dados não são objetivos; são criações do design humano. A política também ocorre após o fluxo de informações, na fase de curadoria.

- Para os propósitos da discussão atual, curadoria é entendida no sentido mais amplo: selecionar e organizar, filtrar a abundância em uma coleção de tamanho gerenciável, para pesquisar, reenquadrar e remixar, ou resumidamente gerenciar fluxos de informação depois de terem fluído, particularmente, nas mídias sociais.

“Por exemplo, interpretar o impacto que os políticos têm nas mídias sociais dependerá de múltiplas decisões: as hashtags ou palavras-chave que coletamos, as linguagens, as plataformas, as restrições técnicas (como a API) e a maneira como entendemos o contexto. Cada um deles exigirá uma decisão política, não importa se é manual ou automaticamente operada. Alguém nos bastidores terá que decidir sobre como curar fluxos, e essa decisão terá impacto sobre os outros. A politização da curadoria ocorre em pequenas quantidades de dados e, ainda mais, em big data. Esperar que a curadoria de fluxos seja um processo neutro, objetivo e preciso em big data, porque eles são muito grandes para os seres humanos lidar com eles diretamente é um mito (boyd & Crawford, 2012)”.

- Exemplo: as lutas pelo poder na Wikipedia servirão como nosso último exemplo para uma luta política em torno dos fluxos curados. Sua missão declarada é fornecer uma enciclopédia livre que as pessoas em todo o mundo possam usar e contribuir. No entanto, vários estudos mostraram que ele está repleto de dificuldades em determinar por que e como o conteúdo está incluído, o que, em sua maior parte, ocorreu nos bastidores e longe dos olhos do público.

Conclusão

- O papel desempenhado pela política nas mídias sociais vai muito além do algoritmo.

- Já é sabido que a maioria das decisões relacionadas a algoritmos de mídia social não são apenas neutras, mas fortemente influenciadas politicamente. Este capítulo tenta adicionar um refinamento adicional a esse discurso, desconstruindo a noção geral e opaca de algoritmo e nos processos políticos, sejam de arquitetura ou das dinâmicas.

- Em todos os casos, o produto é o mesmo: uma tentativa constante de regular as práticas e normas humanas e, além disso, transformar ou reforçar o comportamento, preferências e valores de indivíduos e grupos de acordo com a visão de mundo e os interesses daqueles que estão no poder. → Tudo termina no controle!

- A política da arquitetura de plataforma é diferente da política dinâmica dos fluxos de informação. Enquanto o primeiro envolve principalmente infraestrutura como um mecanismo para regular o comportamento, este último envolve principalmente o conteúdo dos fluxos de informação.

Facebook and the Engineering of Connectivity: A Multi-Layered Approach to Social Media Platforms (2012)

José van Dijck

Pesquisadora na Universidade de Amsterdam, professora na Universidade de Utrecht, autora do livro *The Culture of Connectivity: a critical history of social media*.

Teorias:

- Teoria Ator-Rede (Bruno Latour)
- Abordagem político-econômica (Manuel Castells)

Mídias sociais: artefatos sócio-técnico-culturais

- Produtoras de sociabilidade, orientando o tráfego, permitindo conexões e forjando-as;
- Não são intermediários neutros da ação social, mas produtores de sociabilidade, permitindo conexões e forjando-as, orientando o tráfego.

Conectividade: “fiação material e metafórica da nossa cultura”

Conectividade: dupla lógica de empoderamento e exploração.

- Novo tipo de capital social

“A arquitetura de uma plataforma - seu design de interface, código, algoritmos - é sempre o resultado temporário da tentativa de seu dono de orientar as atividades dos usuários em uma determinada direção” p. 144

Interface visível amigável X Algoritmos ocultos

Interfaces com recursos fáceis de usar, botões, barras de rolagem, passam a ideia de que o site é apenas um facilitador de uma atividade social. Entretanto, lógicas, protocolos e princípios dos algoritmos que regulam as conexões permanecem obscuros ao usuário.

“Conectividade é cada vez mais uma co-produção de seres humanos e máquinas, com um papel proeminente, embora na maior parte oculto, da tecnologia”.

Práticas sociais mediadas por plataformas

“As práticas sociais são cada vez mais mediadas por plataformas que afetam as interações diárias e relações recíprocas das pessoas. Mais precisamente, as plataformas são executadas por protocolos codificados que parecem “mediar” as atividades sociais das pessoas, embora de fato orientem o tráfego” (p. 145, tradução nossa)

Usuários engajados em modelar a tecnologia, mas são mutuamente afetados pela modelagem tecnológica da sociabilidade e da conectividade.

“O poder de mudar a interface de uma plataforma está em grande parte seus proprietários, que também controlam o quanto os usuários conseguem ver do complexo aparelho automatizado escondido por trás dos recursos da tela.”

Como é feita a construção da conectividade:

“Usuários ativos”

- Estímulo à produção de conteúdos e interações servem para alimentar plataformas

“Formação de comunidades”

“A arquitetura faz com que os usuários se conectem constantemente com os outros, para promover a formação de novos grupos e comunidades” (p. 147)

“O papel do conteúdo”

- Para garantir boa conectividade (e ampliar e manter base de usuários), o conteúdo deve ser padronizado em termos de forma, qualidade e quantidade, levando-se em conta questões culturais.

- Filtros para barrar mensagens sexualmente explícitas ou spam.

Teoria Ator-Rede (Bruno Latour):

- Interessante na medida em que visa mapear as relações entre tecnologias e pessoas e evidencia que as plataformas não são simples intermediários, mas mediadores que traduzem significados e transformam os elementos que carregam;

- Teoria reconhece o entrelaçamento da tecnologia e seus usuários, mas desconsidera aspectos culturais de conteúdo, forma e contexto sócio-político.

- Economia política da comunicação (Manuel Castells):

- Complemento para compreender implicações políticas e econômicas das plataformas de mídia social, pois essas mídias operam em espaço político, econômico e legal;

- Contexto dominado por gigantes como Facebook, Google, Microsoft.

When Algorithms Shape Collective Action: Social Media and the Dynamics of Cloud Protesting. (2015)

Stefania Milan

Professora Associada de Novas Mídias e Cultura Digital na Universidade de Amsterdam e Professora Associada (II) de Inovação em Comunicação Social na Universidade de Oslo.

Teorias:

- Interacionismo simbólico (para analisar dinâmicas da ação coletiva a partir das microinterações e considerando a ação coletiva como uma construção social com ação comunicativa em sua essência) (Herbert Blumer)
- Estudos de tecnologia (STS -science and technology studies) – mídias sociais como ambientes algorítmicos que codificam escolhas de design específicas (Gillispie)
- Quais são as consequências da infraestrutura das mídias sociais na organização de protestos?
“Mídias sociais como curadores do discurso público” Gillispie
- Mesclam práticas, discursos e a própria dinâmica dos protestos;
- Alteram a experiência de temporalidade e espacialidade, borram fronteiras entre o individual e o coletivo;
- Afetam nossa relação como seres no mundo;
- Narrativas coletivas e personalização ocorrem simultaneamente nas plataformas e na vida real.

“Protesto em nuvem”

- Tipo específico de mobilização centrado em indivíduos e suas necessidades, identidades e corpos;
- Fundamentado, modelado e ativado pelas plataformas de mídia social e dispositivos móveis e os universos virtuais que eles identificam;
- Difere da ação conjunta porque é colocado em movimento a partir da mídia social, ou seja, é um processo de natureza sociotécnica, em vez de meramente sociológica ou comunicativa;
- Compreendido pela intersecção do material das interações homem-máquina e do simbólico da ação humana;
- Algoritmos que sustentam as mídias sociais têm papel ativo na modelagem de processos de construção de identidade e narrativas coletivas.
- Papel das mídias não é apenas instrumental: elas promovem 'novas padrões de protesto que moldam a dinâmica do movimento além do domínio da prática tecnológica ' (apud Juris, 2012, p. 297).
- Conteúdo e infraestrutura estão intimamente relacionados.
- Mídias sociais como “agentes políticos”, que definem estritamente as ações e possibilidades dos usuários, impõem restrições materiais à ação social.
- Sociabilidade solicitada a partir de atividades predefinidas, como recomendar, compartilhar, gostar, o que permite metrificação e intensificação de eventos (apud Gerlitz & Helmond, 2013).

- Mídias sociais não são abertas e neutras por natureza, mas são resultados de escolhas precisas de arquitetura. Usuários podem recorrer a táticas para neutralizar assimetria de poder nas mídias, com apropriação e subversão de regras. Mas estas mudanças são mínimas e não são capazes de destruir o modelo econômico por trás das plataformas.

MOVIMENTOS SOCIAIS

3 MACROTENDÊNCIAS DESDE 1960, cada uma delas relacionadas ao acesso a certos tipos de recursos de comunicação e formas de organização apoiadas em tipos específicos de mídias:

- Anos 1960: lideranças fortes, identidade coletiva, narrativa construída conjuntamente, meios de comunicação de guerrilha, rádio “livres” e auto- publicações impressas.

- Anos 1990: Internet favoreceu arranjos mais informais, reduziu custos mobilização, identidades mais múltiplas, liderança horizontal, narrativas em diversos sites que burlavam a mídia de massa. Entretanto, ações ainda estavam ancoradas em grupos e coletivos.

- 2010 e mídias sociais móveis: facilitou onda de protestos, com organização por meio de redes como Facebook. Grupos mais dispersos, indivíduos em grupo, em que cada um busca enfatizar necessidades individuais e contribuições.

“Nuvem” funciona de duas formas:

- como princípio organizacional para protestar;

- como lugar em que hospeda recursos imateriais da mobilização, os significados, que vão sendo construídos por meio das narrativas e identidades dos usuários.

Nuvem é lugar de expressão para narrativas pessoais e flexíveis, que vão se conectando a outras histórias individuais e construindo um contexto mais amplo que dá significados aos protestos.

Quatro políticas de visibilidade: criam indivíduos no grupo, em vez de grupos

- **Centralidade da performance:** os usuários decretam uma história da qual eles são os protagonistas. (alguns eventos são mais vistos na tela do que no local).

- **Interpelação de participantes e oponentes:** interação entre outros participantes por meio de hashtags e outros mecanismos que estimulam conversas.

- **Expansão da temporalidade do protesto:** rearranjo da nossa percepção da temporalidade da ação coletiva, o que contorna a presença e permite que ativistas participem de acordo com a própria conveniência.

- **Reprodutibilidade da ação social:** reencenação permanente do ato muda percepção, o que pode enfraquecer sua autenticidade (Benjamin).

Implicações dos “protestos em nuvem”

- acesso fácil reduz os custos de mobilização;

- personalização da participação e enfraquecimento de coletivos;
 - construção de identidades multicamadas, que são fortes no presente, mas ao longo do tempo revelam-se frágeis;
 - aprimoram experiência individualizada, por meio de multiplicidade de redes sociais e plataformas que podem ser usadas simultaneamente, mas reduzem prática da corporificação do coletivo.
-

Márcia Ohlson
Rebeka Figueiredo